

Solidariedade e empatia contra a violência e a intolerância.



AEEL, Sinaerj, Sintergia, Sindecon e Senge, entidades de representação de trabalhadores e trabalhadoras da Base-Rio se solidarizam com o nosso companheiro Reimont Otoni, eleito deputado federal nas últimas eleições, cuja sobrinha foi vitimada por uma das faces mais terríveis da crescente violência dos últimos anos no Brasil: o feminicídio. Helen Otoni foi atingida por diversos disparos efetuados pelo namorado e encontra-se internada lutando pela vida. O criminoso fugiu.

Passados oito anos da promulgação da Lei 13.104, de 9 de março de 2015, conhecida como Lei do Feminicídio, o assassinato de mulheres em situação de violência doméstica e familiar ou em razão do menosprezo ou discriminação à sua condição aumentaram no país. A lei alterou o Código

Penal para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, além de incluí-lo no rol dos crimes hediondos.

O relatório do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado recentemente, aponta o desmonte das políticas de enfrentamento à violência contra a mulher como causa do agravamento da situação. Centros de referência com instalações precárias, equipes desfeitas e o atendimento na área da saúde são serviços públicos que têm sido enfraquecidos e desmobilizados no Brasil.

No primeiro semestre de 2022, o Brasil bateu recorde de feminicídios, registrando cerca de 700 casos. Em 2021, mais de 66 mil mulheres foram vítimas de estupro; mais de 230 mil sofreram agressões físicas por violência doméstica. Os dados são do mais recente Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Embora todas as mulheres estejam expostas a essas violências, fica evidente o racismo: as mulheres negras são 67% das vítimas de feminicídios e 89% das vítimas de violência sexual.

Segundo a coordenadora executiva da organização Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação (Cepia), a advogada Leila Linhares Barsted, "Estamos vivendo padrões de barbárie, com discursos de ódio, uma intolerância imensa, tudo isso incentiva criminosos feminicidas a praticarem esses atos contra as mulheres." Não se trata apenas de punir agressores, de punir criminosos, se trata sim de reeducar a sociedade para padrões civilizatórios das relações entre os indivíduos, são políticas públicas de âmbito nacional, o desarmamento da população, a educação da população para padrões civilizatórios."

Soma-se à violência contra a mulher, o racismo e a LGBTQIA+ fobia que coloca o Brasil entre os países que mais mata LGBTs no mundo e que pasmem: há 14 anos é o que mais mata pessoas trans no mundo!

Toda nossa solidariedade e apoio à família do companheiro Reimont e às vítimas dessas vergonhosas violências!

Compartilhe esse informe com os colegas!

Juntos somos sempre mais fortes!

ASSOCIE-SE A AEEL ([clique aqui](#)) OU AO SINDICATO DE CLASSE ([links nos logos abaixo](#)).

A diretoria, 27 de fevereiro de 2023.

Associação dos Empregados da Eletrobras - AEEL

